



CONCENTRADOS E ESPALHADOS

Comparação dos arranjos de moradia dos negros livres em Richmond (Virgínia, EUA) e Rio de Janeiro em 1850-1860

Carlos Eduardo Valencia Villa¹

Rio de Janeiro e Richmond, a primeira capital do Império do Brasil no século XIX, a segunda capital dos Confederados na Guerra Civil Norte-americana e capital do Estado da Virgínia, receberam bastante atenção pela historiografia, sobretudo de aquela que trabalha sobre escravidão e abolição. A razão é simples: as duas eram grandes centros escravistas, tanto no sentido de ter um contingente imenso de cativos quanto por ser mercados redistribuidores de escravos comprados e revendidos a quilômetros de distância.

Entre os milhares de escravos que moravam nas urbes encontravam espaço os negros e mulatos livres. Esse conjunto, formado pelos alforriados e seus descendentes, crescia a uma taxa muito forte a meados do oitocentos. Ou seja, nas mesmas décadas em que as cidades atingiram os máximos demográficos para a população cativa também se registraram grandes aumentos nas quantidades de negros e mulatos livres.

Porém, a atenção que recebem pela historiografia é muito menor. As razões desse desinteresse não estão claras, embora poderia ser por seu menor peso quantitativo na estrutura demográfica. Contudo, essa não é uma razão completamente válida, pois mesmo sendo menores eram fundamentais na relações sociais. Por exemplo, eram decisivos na reprodução demográfica²

1 Professor Adjunto América Colonial. Universidade Federal Fluminense. Campos, Rio de Janeiro. Março, 2013. e-mail: cvalencia@id.uff.br

2 JOSÉ ROBERTO GÓES. *O Cativo Imperfeito: Um Estudo sobre a Escravidão no Rio de Janeiro da Primeira Metade do Século XIX*. Vitória: Lineart, 1993. MIDORI TAKAGI. "Slavery in Richmond, Virginia, 1782-1865" Ph.D. diss, Columbia University, 1994.



ou no funcionamento do mercado de trabalho³. Ainda menos interesse têm os temas relacionados à distribuição espacial desses indivíduos pelas cidades, o que também não tem justificativa evidente, pois alguns dos trabalhos sobre escravidão e liberdade supõe, implicitamente, que existia um padrão de concentração ou dispersão geográfica que geralmente não é verificado⁴.

Essa falta de curiosidade pelo lugar espacial dos negros e mulatos livres poderia estar relacionada, por um lado, com a ideia que esse espaço era mais ou menos conhecido por todos os que têm interesse nele. No caso de Richmond, se encontraria no limite noroeste do núcleo urbano, que em 1871 passou a ser conhecido oficialmente como Jackson Ward⁵. Para o caso do Rio de Janeiro, estaria na Cidade Nova, no oeste do centro da cidade⁶. No entanto, essas suposições ainda não foram sistematicamente verificadas ou rejeitadas.

Por outro lado, a falta de interesse historiográfico se poderia encontrar na ideia que esta seria uma questão simples de mais para ser pesquisada e que, ao mesmo tempo, exigiria muito trabalho com fontes para, no final, chegar em conclusões que podem ser vistas como irrelevantes. Porém, como comentamos, esta não é uma questão irrelevante, pois, por exemplo, as pesquisas sobre mercado de trabalho, sociabilidade política ou reprodução demográfica precisam conhecer essa distribuição espacial para testar suas hipóteses.

Este texto tem o objetivo de contribuir na solução deste problema. O método usado é a história comparada entendida da forma proposta por Elliott⁷. A pretensão é matizar e relativizar os resultados encontrados para cada cidade, isto significa que aspiramos conhecer que tão concentrados ou espalhados eram os arranjos de moradia para cada urbe segundo a comparação com a outra.

3 LUÍS F. ALENCASTRO. "Proletarios e Escravos: Imigrantes Portugueses e Cativos Africanos No Rio De Janeiro, 1850-1872," *Novos Estudos-Cebap* 21 (1988).

4 MARCELO BADARO. *Escravidão e Livres: Experiências Comuns na Formação da Classe Trabalhadora Carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.; SANDRA GRAHAM. *Proteção e Obediência: Criadas e Seus Patrões no Rio De Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. LATIMORE CAREY. "Always a Minority: Richmond Area Free Blacks in the Civil War Era". Ph.D. diss, Emory University, 2005.; GREGG KIMBALL. *American City, Southern Place: A Cultural History of Antebellum Richmond*. Londres: University of Georgia Press, 2000.

5 NORMAN MCLEOD. "Free Labor in a Slave Society: Richmond, Virginia". *Ph.D. diss, Howard University, 1991*. p 157.

6 SIDNEY CHALHOUB. *Visões Da Liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

7 JOHN ELLIOTT. *Imperios del Mundo Atlántico. España y Gran Bretaña em América*. (1492-1830). México: Taurus, 2008.



O olhar desde as freguesias

A meados do século XIX a quantidade de coincidências entre o Rio de Janeiro e Richmond era enorme⁸. As duas eram grandes cidades escravistas, no sentido do mercado de compra e venda e no sentido da contratação de cativos para trabalhar para empregadores diferentes de seus amos. As duas eram portos atlânticos, a primeira na Baía da Guanabara e a segunda no Rio James. Pelos seus portos se exportavam produtos agrícolas com relativamente pequenos valores agregados pelo setor manufatureiro. Também eram capitais políticas com redes que se estendiam por amplas regiões de seus países. Nas duas morava uma elite abastada e uma quantidade de pobres significativa.

As duas sonhavam com ser *modernas*, para elas e para seus países. Entre os muitos empreendimentos que fizeram para conseguir essa *modernidade* estava realizar um censo pautado nas novas técnicas da época, como por exemplo manual de instruções para os recenseadores e método de verificação de resultados⁹. Nos dois casos, os censos foram consequências de decisões nacionais e não locais. No Rio de Janeiro foi feito em 1849 como prova piloto preliminar do censo brasileiro que só aconteceria em 1872. Em Richmond, o primeiro feito no estandar moderno seria o de 1850 e depois aprimorado em 1860.

Os censos desses anos nas cidades dos Estados Unidos apresentam alguns problemas para a pesquisa historiográfica¹⁰. No caso de Richmond esses problemas passam pelo sub-registro ou a omissão de alguns indivíduos. Esses problemas são possíveis de identificar quando se cruza a informação com outro tipo de fontes, especialmente as listas de pagamento de impostos pessoais¹¹. No caso do Rio de Janeiro o problema pode ser ainda maior, pois não temos outra fonte que permita

8 CARLOS E. VALENCIA. “A Economia dos Negros Livres no Rio de Janeiro e Richmond, 1840-1860” (Tese Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2012)

9 THOMAS HOLLOWAY. “Prefácio: Haddock Lobo e o Recenseamento Do Rio De Janeiro De 1849,” Boletim de História Demográfica, no. 50 (2008), http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd50/bhd50.htm. JASON GAUTHIER. *Measuring America: The Decennial Censuses From 1790 to 2000*. Washington: U.S. Census Bureau, 2002.

10 RICHARD STECKEL. “Census Manuscript Schedules. Matched with Property Tax List. A Source of Information on Long-term Trends in Wealth Inequality.” *Historical Methods* 27, no. 2 (1994): p. 71–85.

11 HOWARD BODENHORN. *The Complexion Gap: The Economic Consequences of Color Among Free African Americans in the Antebellum South* (Cambridge: NBER, 2002)..

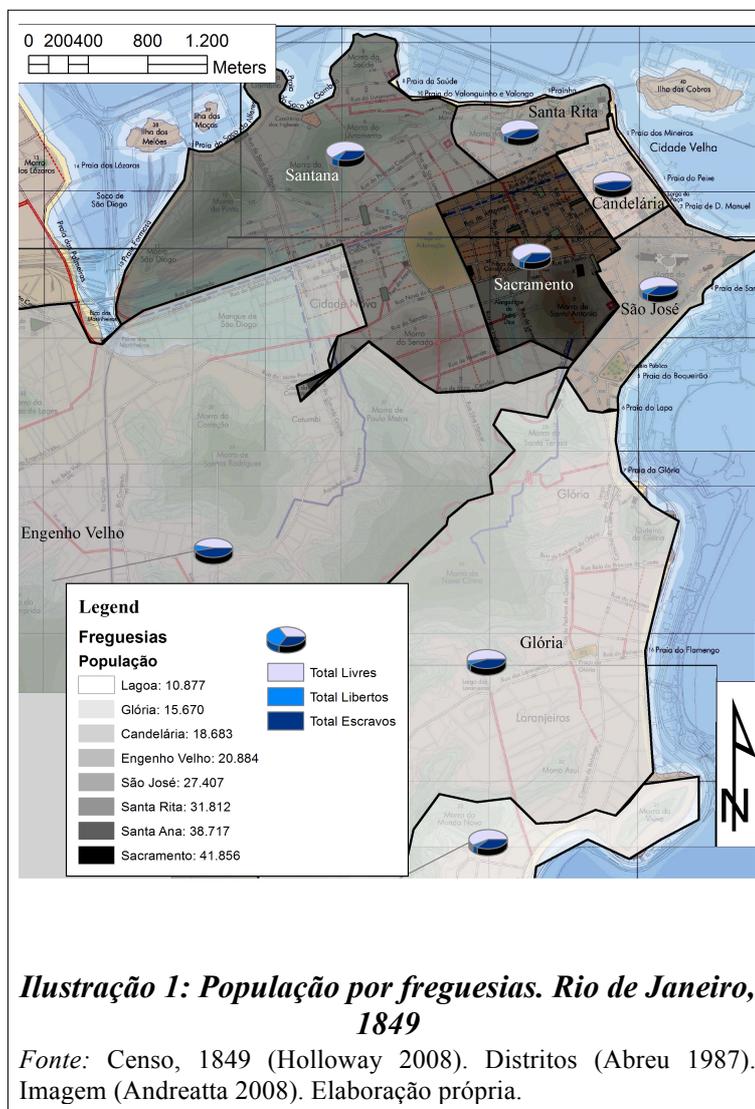


contrastar o censo no nível dos microdados e que tenha a mesma abrangência¹². Mas, mesmo assim, o trabalho com os censos oferece um olhar agregado sobre a cidade que é válido e pertinente.

Os dados cariocas de 1849 não estão disponíveis para cada unidade de moradia ou de família. O menor nível de detalhe conhecido para a informação são os quarteirões, que eram as menores unidades da administração de polícia na cidade¹³. Os indivíduos recenseados foram classificados por sexo, origem nacional ou estrangeira, e por condição jurídica, não só distinguindo entre escravos e livres senão também uma categoria para os libertos.

12 MARY KARASCH. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton: Princeton University Press, 1987.

13 HOLLOWAY, “Prefácio: Haddock Lobo e o Recenseamento do Rio De Janeiro De 1849.”



A informação dos quarteirões está disponível para freguesias urbanas e rurais¹⁴. Para o nosso objetivo neste texto são unicamente pertinentes os dados para distritos urbanos. Na ilustração 1 aparece a informação do total de habitantes por freguesia e a sua composição de livres, escravos e libertos.

A fonte para estabelecer os limites entre as freguesias foi o mapa 3.2 da pesquisa de Maurício Abreu sobre a cidade do Rio de Janeiro¹⁵. Essa delimitação não é exata, sobretudo para as

14 Ibid.

15 MAURÍCIO ABREU, *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio / Jorge Zahar, 1987. p. 38.



fronteiras rurais, como aquela do Engenho Velho e Glória que se encontrava no Maciço da Tijuca. Também é importante comentar que em 1849 as freguesias de Santo Antônio, Espírito Santo e São Cristóvão ainda não eram independentes. A imagem do mapa é a planta do plano de Beaurepaire-Rohande de 1840-1843 que aparece no Atlas Andreatta¹⁶. Essa imagem e os dados do censo foram georreferenciados.

Como se observa na ilustração 1 as freguesias com maior número de habitantes eram Sacramento e Santana com 41.856 e 38.717 respectivamente. A menor em população era a Lagoa com 10.877. Próximos dos 30.000 habitantes estavam Santa Rita e São José. Engenho Velho e Candelária tinham 20.884 e 18.683 habitantes respectivamente. Pouco menos tinha Glória com uma população de 15.670.

O único distrito em que o número de escravos era semelhante ao de livres era Engenho Velho com 9.759 cativos e 9.758 livres. Nas outras freguesias a quantidade dos segundos era sempre maior a quantidade dos primeiros. As maiores diferenças estavam em Sacramento e Santana, pois nesses lugares eram mais de 10.000 pessoas de distancia entre um grupo e o outro.

Porém, esses distritos eram os que albergavam as maiores quantidades de escravos. Mas, também é importante enfatizar que eram as regiões com maiores quantidades de livres e nas que, como comentamos, as disparidades demográficas entre os dois conjuntos eram as maiores de toda a cidade.

Em outras palavras, Sacramento e Santana não eram distritos de escravos no sentido da preponderância quantitativa, pois eles não eram majoritários nessas regiões. No mesmo sentido, também não eram áreas de predominância de negros e mulatos libertos, pois ali os alforriados eram aproximadamente o 10% do total de livres, especificamente eram 8,7% em Sacramento e 11,6% em Santana. Ali, os libertos também não se aproximavam as quantidades de escravos, pois representavam o 15,5% dos cativos em Sacramento e o 20,9% em Santana.

Embora, em termos relativos os libertos fossem uma minoria se comparados aos livres e escravos nessas regiões, também é certo que eram essas freguesias as que albergavam as maiores quantidades de alforriados. No primeiro lugar de toda a cidade se encontrava Santana com 2.687

16 *Atlas Andreatta: Atlas dos Planos Urbanísticos do Rio De Janeiro de Beaurepaire-Rohan ao Plano Estratégico* (Rio de Janeiro: Mauad, 2008).



negros e mulatos libertos. Logo, no segundo lugar estava Sacramento com 2.206 forros. Depois, estavam Santa Rita, São José e Engenho Velho com 1.638, 1.413 e 1.367 respectivamente. Comentário específico deve ser dado à Candelária onde moravam unicamente 194 libertos, patamar muito menor em comparação com as outras freguesias.

Dessa forma, olhando desde o nível das freguesias, não pode ser aceita a hipótese da existência de uma *Pequena África* no Rio de Janeiro como é mencionado por alguma historiografia, no sentido de ter uma região com preponderância de escravos ou libertos. Como vemos, em todas as freguesias as proporções maiores são para os livres. Porém, ainda não podemos rejeitar completamente essa hipótese, pois na categoria dos livres podem estar contados muitos negros e mulatos que não eram nem cativos nem alforriados. Também não podemos rejeitar a hipótese, pois seria possível que essa grande concentração existisse num nível menor que o da freguesia, ou seja em alguns quarteirões.

Sobre essa questão voltaremos quando observemos dados mais específicos. Por enquanto a única coisa sobre a que podemos ter certeza era que os libertos ocupavam boa parte da cidade, mas mesmo estando espalhados, também não estavam em todo canto, pois pelo menos da freguesia central da Candelária estavam excluídos.

Para comparar a situação carioca com a richmoniana usaremos os dados do censo de 1860 na capital da Virgínia. Usamos esse censo porque nele se divide a cidade em três distritos enquanto o de 1850 apresenta os dados sem classificação nenhuma. Também supomos que os três distritos do censo de 1860 se correspondem com as wards da administração da cidade que existiam em aquele ano, elas eram: Jefferson, Madison e Monroe.

Para Richmond estão disponíveis os microdados com a informação para cada indivíduo. Para cada pessoa o censo se informa seu nome, sexo, cor, origem e algumas outras variáveis. Também estão agrupados por indivíduos em cada moradia e em cada família. Porém, só aparece a informação dos livres.

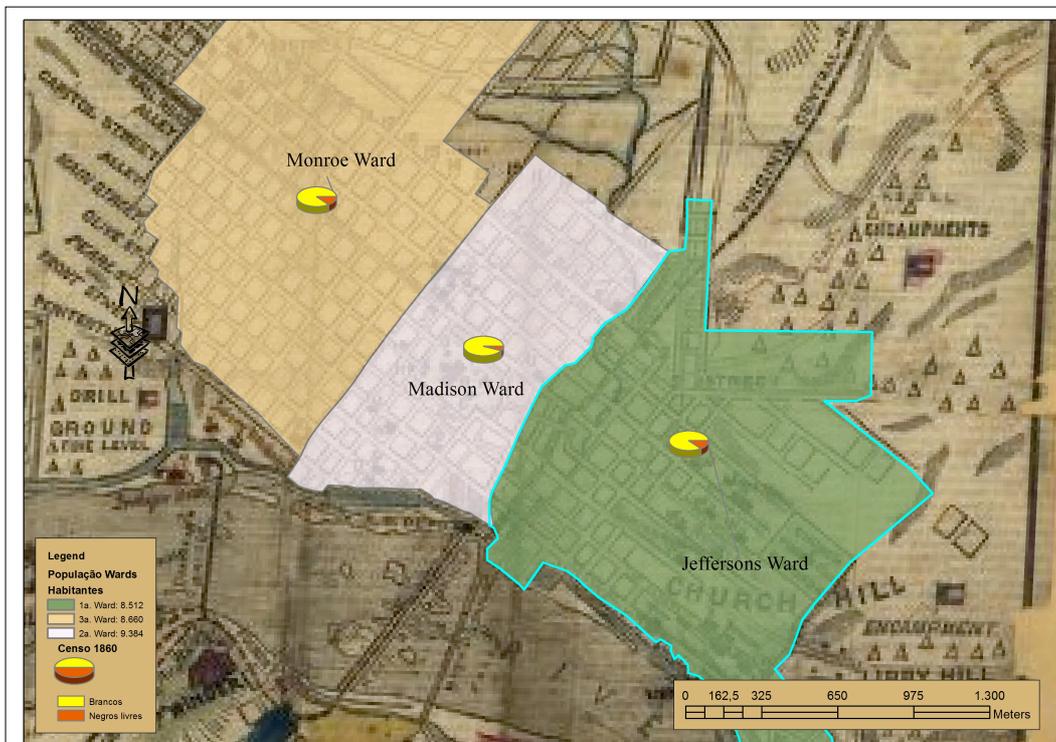


Ilustração 2: População por wards. Richmond, 1860

Fonte: Censo, 1860 (University of Virginia 2004). Wards (Rothman 2003). Imagem (Virginia Historical Society 1862). Elaboração própria.

Os dados agregados para cada distrito aparecem na ilustração 2. Todos os dados foram consultados

nos níveis residencial e familiar¹⁷ e depois agregados para as wards. Os limites geográficos entre elas foram estabelecidos na tese de doutorado de Joshua Rothman que depois foi publicada¹⁸. A imagem do mapa histórico está disponível na Virginia Historical Society¹⁹. Essa imagem e os dados agregados do censo foram georreferenciados.

Nas três wards os brancos foram a maioria, o que era esperável pois já sabíamos que os negros e mulatos livres da cidade eram minoria. Ao igual que no Rio de Janeiro, no distrito central se registraram as menores quantidades de negros e mulatos livres. A terceira ward, que corresponde

17 Geospatial and Statistical Data Center University of Virginia, "Historical Census Browser," <http://fisher.lib.virginia.edu/collections/stats/histcensus/index.html>, Historical Census Browser, 2004, <http://mapserver.lib.virginia.edu/>.

18 JOSHUA ROTHMAN. *Notorious in the Neighborhood: Sex and Families Across the Color Line in Virginia, 1787-1861* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003). Na versão publicada e impressa, os mapas com os limites aparecem nas páginas 106 e 114 para os anos 1835 e 1856. Porém, nessa versão os limites não estão completamente claros. Eles estão muito mais explícitos nos mapas que aparecem na versão digital que corresponde com a tese de doutorado. Nessa versão os mapas estão nas páginas 412, 414 e 416 da numeração digital.

19 "[Ge]ographical Sketch of the City of Richmond, Virginia, with Surrounding Encampments, 1862,"



com Monroe, tinha a maioria com 1.041 indivíduos e a primeira, Jefferson Ward, tinha um pouco menos com 1.017.

Em termos demográficos e usando a escala dos distritos em que está publicada a informação do censo de 1860 também não é possível falar de uma cidade branca e uma cidade preta, com às vezes faz de forma metafórica alguma historiografia, pois em todas as grandes áreas estavam presentes brancos e negros. Como já comentamos, nisso eram semelhantes Richmond e o Rio de Janeiro.

A diferença entre as duas urbes estava nas densidades populacionais, pois o porto na Baía da Guanabara a meados do Oitocentos tinha mais de 200.000 moradores enquanto o porto no Rio James tinha menos de 40.000 habitantes em 1860, ou seja o primeiro era, em termos demográficos, cinco vezes maior que o segundo.

Mas, ao mesmo tempo, a área do núcleo urbano da capital fluminense era muito menor que a da capital virginiana. No Rio de Janeiro a distancia linear entre o Mosteiro de São Bento (na esquina nordeste da cidade) e o Convento de Santa Teresa (Pode ser considerado o limite sudoeste do núcleo urbano em 1850) era de pouco mais de 2 quilômetros. Na diagonal contraria, que ligava a Igreja de Santa Luzia (na esquina sudeste) ao cementério dos ingleses (no limite urbano do noroeste) tinha um comprimento de 3 quilômetros. Em comparação, Em Richmond, a distancia linear entre o extremo da futura Jackson Ward (ao noroeste) e a região dos Rocketts (ao sudeste) tinha aproximadamente 5 quilômetros e ao outra diagonal, entre Hollywood Cemetery (no sudoeste) e Libby Hill (no extremo nordeste), tinha um comprimento de 4 quilômetros.

Em outras palavras, os habitantes da urbe sul-americana eram muitos mais e tinham menos espaço físico que os da urbe norte-americana, por isso as densidades populacionais eram muito maiores na primeira que na segunda. Isso é válido para o total da população e também para os negros e mulatos livres.

Usando a escala dos distritos dos censos, em Richmond os índices de densidade de negros e mulatos livres foram 3,8, 4,6 e 4,9 habitantes por hectare para primeira, segunda e terceira ward respectivamente. Em contraste, a maior densidade de negros e mulatos libertos no Rio de Janeiro estava em Santa Rita com 34 indivíduos por hectare. Depois apareciam as freguesias de São José e Sacramento com 22 e 21 habitantes por hectare. Além disso, devemos lembrar que comparamos

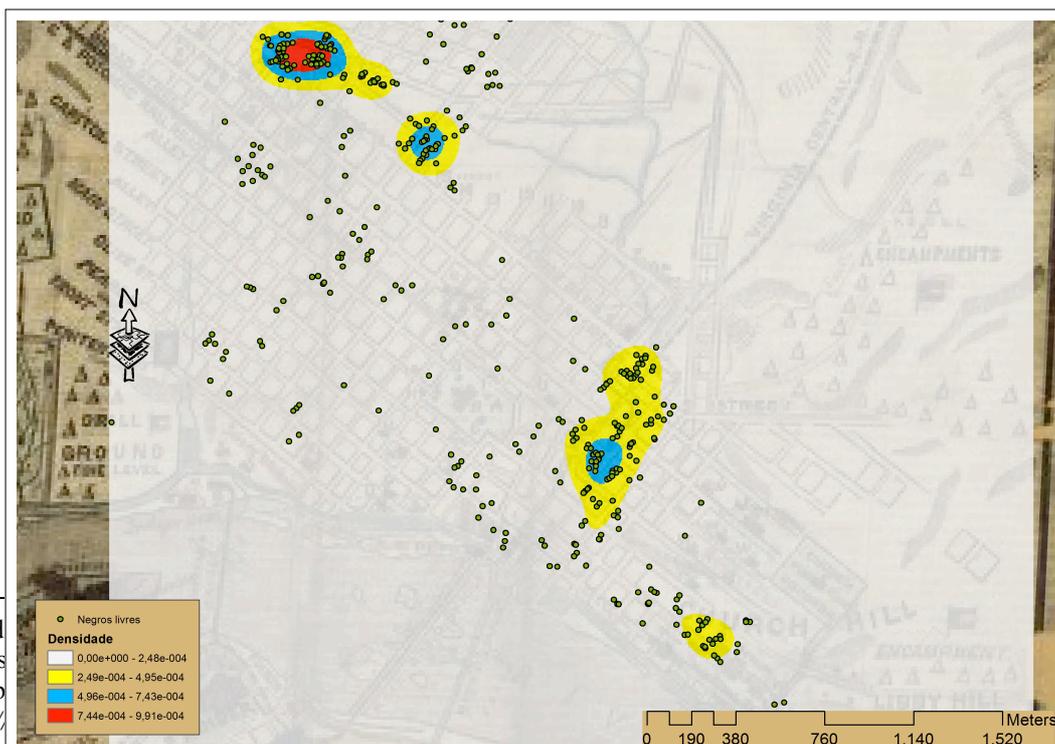


negros e mulatos livres richmonianos com libertos cariocas, ou seja que o conjunto populacional sul-americano estava definido de forma mais restrita que o norte-americano e em consequência a quantidade de negros e mulatos livres na Guanabara com certeza era maior.

Dessa forma, a densidades cariocas devem ser maiores, em outras palavras, a concentração no Rio de Janeiro de forma geral era mais alta. Contudo, o afirmado até aqui é constatado ao observar desde o nível dos distritos nos censos. Mas, ainda podemos entrar em detalhes menores e observar a distribuição de forma mais precisa.

O olhar desde as ruas

Para ampliar a escala em que observamos Richmond e a distribuição espacial de seus negros e mulatos livres é possível usar o livro de registros deste indivíduos de 1852 com a informação da sua localização. Nele aparecem, além dos endereços, os nomes, sobrenomes e a ocupação²⁰. Com a informação que aparece nesta fonte construímos a ilustração 3. Nela estão todos os pontos que conseguimos identificar e correspondem com as moradias dos negros e mulatos livres.



A pesar do esforço por localizar cada ponto, estes

e localizar nível em: - 1852,”

20 Agrad alguns Elizabeth Htp://

Ilustração 3: Localização dos negros e mulatos livres. Richmond, 1852
 Fonte: Livro de registros dos negros livres, Richmond, 1852. Elaboração própria



não podem ser considerados exatos e sim aproximações, pois as mudanças na paisagem urbana em Richmond foram muito fortes, sobretudo pela devastação amargada na Guerra Civil. De esse modo, o relevante não são os pontos e sim as áreas de aglomeração, pois ao ser elas calculadas a inferência deve resolver os problemas, já que os erros de localização devem estar distribuídos de forma aleatória. Essas áreas foram estabelecidas como densidades de Kernel com parâmetros 200 metros e cell 5, gerando 4 níveis de concentração pelo método de intervalos iguais.

Como se pode ver na ilustração, a maior concentração estava no extremo noroeste da cidade, na região que após 1871 passou a ser conhecida como Jackson Ward. Dentro dessa área, com pouco menos de 350 metros de diâmetro para os dois primeiros níveis de densidade (áreas vermelha e azul), se achavam 72 dos 420 pontos que localizamos. Este era um número considerável, sobretudo se se pensa no reduzido tamanho desse espaço.

Porém, em termos relativos, esses 72 pontos representavam o 17% do total da cidade. Se acrescentamos o terceiro nível de densidade (área amarela) a diagonal máxima passa para os 620 metros, enquanto a quantidade de pontos chega aos 91, isto significa 22% do total. Ou seja, era uma importante concentração, mas ela não alberga a maioria das moradias dos negros e mulatos livres richmonianos.

Além dessa área, existia uma outra com quantidades semelhantes de pontos. Esta estava no centro da cidade, do lado leste do capitólio, nas imediações da Estação Ferroviária do Ramal Central da Virgínia. Nela se achavam 22% de todos os pontos da urbe e tinha níveis de densidade de nível 2 e 3 (azul e amarela). A razão para não ter espaços de densidade de primeiro nível (vermelho) era sua área um pouco maior que a de Jackson Ward, pois tinha 100 metros a mais, isto é, o diâmetro maior era de 760 metros de comprimento. Em outras palavras, era uma região de importante concentração, com número semelhante de moradias ao de Jackson Ward, embora seu tamanho fosse maior e em consequência sua densidade fosse um pouco menor.

Entre essas duas regiões continham quase a metade de todos os pontos que achamos. Se lhes agregamos a área exatamente ao norte do capitólio, que também gerou níveis de concentração 2 e 3, conseguimos atingir o 52% das moradias de negros e mulatos livres na cidade, pois ali se localizavam 34 pontos, o que representava o 8% do total. Esse espaço era menor que os dois anteriores, com 250 metros no diâmetro maior.



Essas três áreas eram as de maior concentração e albergavam a metade dos pontos. A outra metade estava dispersa pela cidade sem gerar claros níveis de densidades, pois mesmo aqueles que podem ser vistos no extremo sudeste com nível de concentração 2 em realidade eram unicamente 17 pontos, ou seja, 4% do total. Em consequência, se bem é certo que na futura Jackson Ward se gerava a maior aglomeração de pontos, também é verdade que o padrão de distribuição era bastante disperso.

No Rio de Janeiro, a localização dos pontos geográficos dos negros e mulatos livres nas fontes é mais difícil que em Richmond. As razões são várias. Para começar, ao igual que em Richmond, não é possível usar o censo, pois como já comentamos, na capital fluminense os microdados não estão disponíveis e provavelmente não existem, pois as tensões sociais que o censo gerava podem ter levado à destruição dessa informação. Foi por isso que ele só foi publicado tendo como unidade menor os quarteirões.

Também não existia um livro de registro de negros e mulatos livres como aquele que achamos para a capital virginiana. Aproveitemos para aclarar que as duas cidades têm livros de registros de polícia, mas essa é uma fonte pouco confiável para esse tipo de pesquisa, pois tem um viés muito pesado tanto no sentido geográfico quanto no demográfico²¹ e que se não são tratados com muito cuidado e atenção podem levar a extrapolações pouco confiáveis²².

A capital brasileira do Oitocentos não legou fontes fiscais para localizar negros e mulatos livres, pois estes indivíduos não tinham que pagar um tributo sobre renda o patrimônio pessoal. O imposto a ser pago na cidade pelos habitantes era a chamada Décima Urbana, que era uma contribuição sobre os prédios e imóveis. Porém, desde há vários anos essa fonte não está disponível para consulta no Arquivo Público da Cidade do Rio de Janeiro e a versão que localizamos para 1849²³ não tem referências à condição jurídica ou as características dos indivíduos mencionados no registro do imóvel que paga o imposto²⁴.

Embora não tenhamos um livro de registro como aquele de Richmond em 1852 que permitiu

21 LENI SORENSEN. "Absconded: Fugitive Slaves in the Daybook of the Richmond Police Guard, 1834-1844" (Ph.D. diss, College of William and Mary in Virginia, 2005).

22 SIDNEY CHALHOUB. *Visões Da Liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

23 MITHU DATTA *et al.* "Spatial History Project," *Rio De Janeiro Historical Address Locator, 2009*, http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/viz.php?id=123&project_id=999

24 Agradeço ao Zypher Frank por facilitar uma versão digital da Décima Urbana do Rio de Janeiro de 1849.

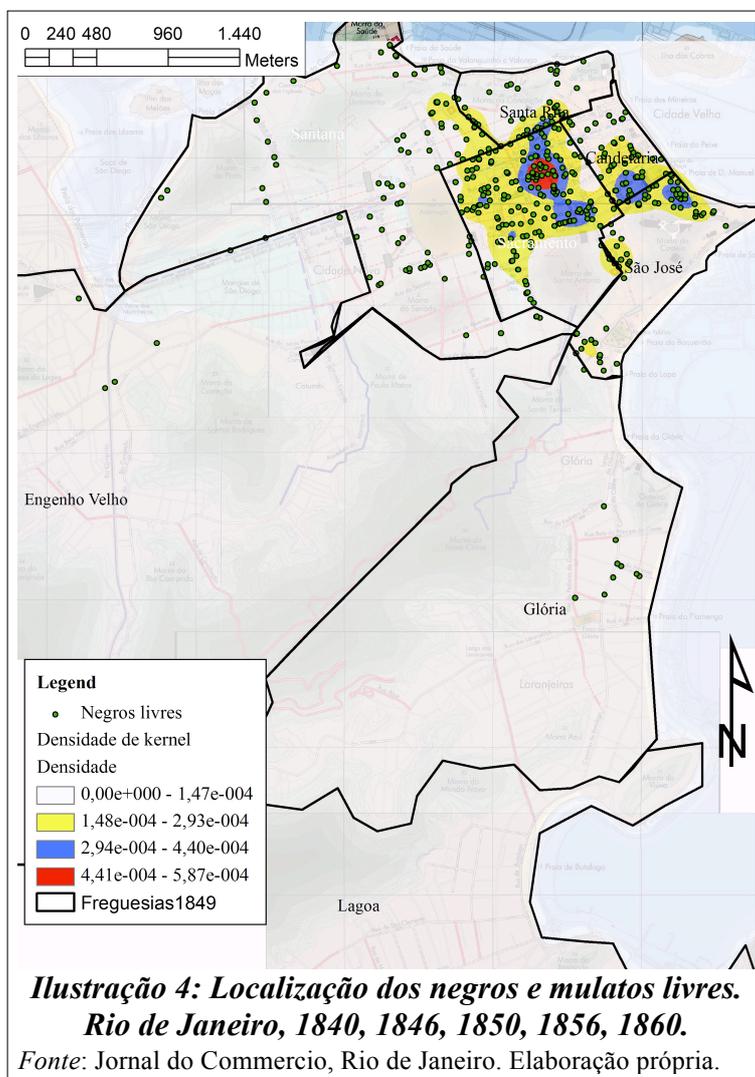


a localização dos endereços de negros e mulatos livres, para o Rio de Janeiro temos uma fonte que o pode substituir. Ao igual que na capital virginiana, na fluminense os interessados em procurar emprego também tinham um meio de comunicação para que os potenciais empregadores os pudessem encontrar. Este era o jornal, pois nele se publicavam dezenas de anúncios diários em que apareciam os que procuravam emprego e entre eles estavam negros e mulatos livres. Para esta pesquisa consultamos especificamente o *Jornal do Commercio*²⁵.

Assim, a diferença é que para Richmond temos um livro para o ano de 1852 e para o Rio de Janeiro temos as edições diárias do jornal. Nas duas fontes se informa a condição de negro livre e o endereço onde pode ser achado. Já que a fonte para o porto na Guanabara é em extremo ampla, pois o jornal se editava 6 ou 7 vezes por semana, com centenas de anúncios, então foi necessário o cálculo de uma amostragem.

A amostra corresponde com todos os anúncios que explicitamente falavam de negros, mulatos, pardos ou qualquer outra referência ao mesmo grupo social de livres e que apareceram nos bimestres de março-abril, julho-agosto e novembro-dezembro dos anos de 1840, 1846, 1850, 1856 e 1860. No caso em que um mesmo anúncio aparecera em duas ou mais ocasiões, este foi processado uma única vez.

25 O *Jornal do Commercio* está disponível na Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro.



Todos os pontos encontrados aparecem na ilustração 4. Ao igual que em Richmond, a localização desses pontos não pode ser considerada exata, pois embora a mudança na paisagem urbana carioca não seja tão radical quanto a que aconteceu na antiga capital confederada, também é certo que foi forte e radical, com a desaparecimento de ruas e o nascimento de avenidas, a destruição de morros e o aterro de praias.

Por isso, para cada ponto existe uma margem de erro. Portanto, o que interessa são os agregados de pontos, ou seja, as áreas de concentração ou dispersão, pois é esperável que esses erros estejam distribuídos aleatoriamente e na inferência das áreas deve ser resolvido esse problema.



O método de cálculo foi o mesmo que usamos antes na capital virginiana, isto é, como densidades de Kernel com parâmetro 200 metros, cell 5 e se geraram 4 níveis de densidade mediante intervalos iguais.

De forma semelhante à capital da Virgínia, na capital fluminense existia uma área de maior concentração de negros e mulatos livres. A diferença era que na cidade sul-americana essa concentração era relativamente central, na freguesia de Sacramento e não no extremo da urbe. Ali, na área (vermelha) que tinha no diâmetro maior um comprimento de 200 metros se aglomeravam 24 pontos de um total de 453 que encontramos nas fontes para toda a cidade. Portanto, era uma área pequena em número de pontos e no tamanho espacial.

Para fazer mais fácil a comparação com Richmond e matizar este resultado podemos ampliar a região e incluir o nível 2 (azul) que lhe é adjacente. Dessa forma, a mancha no centro da cidade que representa os dois primeiros níveis de densidade tem em seu segmento de maior comprimento 750 metros e albergava 82 pontos, isto é o 18% dos 453 do total da urbe.

Esta porcentagem era similar com a de Richmond, pois na região de maior concentração e sua área circundante de nível 2, aquela que seria conhecida depois como Jackson Ward, se achava o 17% do pontos. A diferença entre as duas era que na cidade norte-americana esse espaço físico era menor, com 350 metros, ou seja, pouco menos da metade da área semelhante na cidade sul-americana. Em outras palavras, em termos relativos, nas duas áreas se encontravam porcentagens iguais de pontos, mas a densidade na aglomeração de Richmond era maior por ser o espaço menor.

Nesse sentido, embora existissem concentrações semelhantes nas duas, no Rio de Janeiro a dispersão era maior que em Richmond. Essa característica era ainda mais clara ao observar a área de nível 3 de densidade (amarelas), pois ela se espalhava por quase todo o centro, embora só inclui uma pequena margem da freguesia da Candelária e a região da fronteira urbana da freguesia de Santa Rita. Assim a distribuição dos negros e mulatos livres cariocas formava o que pode ser pensado como um cinto imediato ao microcentro da cidade.

Essa área de nível 3 tem em seu segmento de maior comprimento 2.000 metros e continha 292 pontos que representavam o 64% do total da cidade. Essa era uma das grandes diferenças entre cariocas e richmonianos, pois na primeira destas cidades se chegava nessa porcentagem na maior área de nível 3, enquanto na segunda se chegava só ao 52% após contar três áreas de nível 3. Em



outras palavras, em Richmond a metade dos pontos estavam tão dispersos que não geravam densidades de terceiro nível. No Rio de Janeiro, os pontos que não classificaram nos três primeiros níveis de aglomeração também eram uma quantidade importante, mas em termos relativos era menor, pois representavam menos de um terço do total.

Olhar para recapitular

No começo do texto perguntávamos se os negros e mulatos livres do Rio de Janeiro e Richmond a meados do século XIX estavam concentrados ou espalhados. Também falávamos que o método para resolver essa pergunta seria a história comparada, de tal forma que entendêssemos a intensidade das aglomerações a partir da comparação de uma cidade com a outra.

O que achamos foi que as duas cidades tinham uma área específica de concentração para as moradias dos negros e mulatos livres. No caso de Richmond essa área ficava no que posteriormente seria conhecido como Jackson Ward e no Rio de Janeiro ficava em alguns quarteirões da freguesia de Sacramento. Nos dois casos, a porcentagem de pontos que se aglomeravam nessas áreas era pouco menor ao 20%.

Nesse sentido as duas urbes eram semelhantes e, embora tivessem um espaço de forte aglomeração, também é certo que nele não se encontravam a maioria das moradias deste grupo social. Esta constatação contradiz aquela frequente ideia que a sociedade norte-americana da época do ápice da escravidão estava mais segmentada que a brasileira, pois pelo menos num dos centros escravistas principais isso não se verificava.

A diferença ao interior dessa semelhança era o tamanho da área de concentração, pois o espaço físico que ela tinha em Richmond era metade do que ocupava no Rio de Janeiro. Essa discrepância era importante, pois como comentamos, a capital virginiana tinha um espaço total maior que a capital fluminense e, portanto, em termos representativos, a aglomeração era mais evidente e clara.

Outra semelhança entre as duas urbes era que a concentração de moradias de negros e mulatos livres não se limitava a uma única região. Esta constatação é importante, pois em Richmond existiam outras duas aglomerações e uma delas, aquela que ficava nas imediações da



Estação Ferroviária, agrupava tantos pontos quanto os que tinha a famosa Jackson Ward. No Rio de Janeiro, além da fundamental aglomeração em áreas específicas da freguesia de Sacramento, também existiam importantes concentrações nas freguesias de Santa Rita e São José.

Dessa característica comum emerge uma outra dessemelhança, pois no porto na Baía da Guanabara essas várias áreas de concentração conseguiam ter uma continuidade espacial que formava o que podemos imaginar como um cinto imediato ao microcentro do núcleo urbano, enquanto no porto no Rio James essas áreas não tinham essa mesma continuidade física e as três regiões eram, em termos espaciais, independentes umas das outras. Claro que essa independência era relativa ao tamanho da cidade de aquela época, pois para os estândares de hoje toda a cidade era tão pequena como para ser uma única e grande continuidade, mas esse não era o caso a meados do século XIX.

Essa condição de continuidade das áreas de aglomeração carioca marcavam a ideia de uma cidade com uma dispersão espacial maior para negros e mulatos livres que aquela que se registrava entre os richmonianos. A princípio essa imagem é válida, pois mais ou menos dois terços das moradias de este grupo social na capital fluminense estavam ao interior de uma mancha de algum nível de densidade, isso significa que essa porcentagem de residências estavam relativamente próximas entre elas. Na capital virginiana essa porcentagem atingia só a metade das moradias.

Esta constatação de novo nos leva ao ponto inicial sobre a aglomeração, pois, em outras palavras, o que achamos foi que a metade das moradias dos negros e mulatos livres richmonianos estava espalhada pelas ruas da cidade e, embora existissem concentrações, também existia grande dispersão. Portanto, na metade do Oitocentos não estamos em uma urbe segmentada por raça. Entre os cariocas também não existe essa segmentação, pois negros e mulatos livres também estavam espalhados pela cidade.

Contudo, isso não significa que estes richmonianos ou cariocas morassem por todos os cantos da cidade, pois como comentamos existiam áreas específicas nas que eles não tinham residências, mas, provavelmente fosse consequência de condições econômicas e da especialização espacial de algumas áreas. Mas, essa é uma outra questão da que poderíamos falar em outra oportunidade.



Bibliografia

- ABREU, MAURÍCIO. *Evolução Urbana do Rio De Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio / Jorge Zahar, 1987.
- ALENCASTRO, LUÍS F. *Proletários e Escravos: Imigrantes Portugueses e Cativos Africanos no Rio de Janeiro, 1850-1872*. Novos Estudos-Cebap 21 (1988).
- ANDREATTA, VERENA. *Atlas Andreatta: Atlas dos Planos Urbanísticos do Rio de Janeiro de Beaurepaire-Rohan Ao Plano Estratégico*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- BADARO, MARCELO. *Escravidados e Livres: Experiências Comuns na Formação da Classe Trabalhadora Carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- BODENHORN, HOWARD. *The Complexion Gap: The Economic Consequences of Color Among Free African Americans in the Antebellum South*. Cambridge: NBER, 2002.
- CAREY, LATIMORE. *Always a Minority: Richmond Area Free Blacks in the Civil War Era*". Ph.D. diss, Emory University, 2005.
- CHALHOUB, SIDNEY. *Visões da Liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DATTA, MITHU, WHITNEY BERRY, RYAN DELANEY, DAVID SABETI, HANNAH GILULA, ERIK STEINER e ZEPHYR FRANK. "Spatial History Project." *Rio De Janeiro Historical Address Locator*, 2009. http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/viz.php?id=123&project_id=999. Acesso em: 02/03/2013
- ELLIOTT, JOHN. *Imperios del Mundo Atlántico. España y Gran Bretaña en América. (1492-1830)*. México: Taurus, 2008.
- GAUTHIER, JASON. *Measuring America: The Decennial Censuses From 1790 to 2000*. Washington: U.S. Census Bureau, 2002.
- GÓES, JOSÉ ROBERTO. *O Cativo Imperfeito: Um Estudo Sobre a Escravidão no Rio de Janeiro da Primeira Metade Do Século XIX*. Vitória: Lineart, 1993.
- GRAHAM, SANDRA. *Proteção e Obediência: Criadas e Seus Patrões No Rio De Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- HOLLOWAY, THOMAS. *Prefácio: Haddock Lobo e o Recenseamento do Rio De Janeiro de 1849*. Boletim de História Demográfica. No. 50 (2008). http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd50/bhd50.htm. Acesso em: 02/03/2013



- KAMBOURIAN, ELIZABETH. "Richmond, VA City Directory, Free Colored Housekeepers - 1852." [Http://www.afrigeneas.com/library](http://www.afrigeneas.com/library), 2000. <http://www.afrigeneas.com/library/richmond-fc-1852.html>. Acesso em: 02/03/2013
- KARASCH, MARY. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- KIMBALL, GREGG. *American City, Southern Place: A Cultural History of Antebellum Richmond*. Londres: University of Georgia Press, 2000.
- MCLEOD, NORMAN. *Free Labor in a Slave Society: Richmond, Virginia*. Ph.D. diss, Howard University, 1991.
- ROTHMAN, JOSHUA. *Notorious in the Neighborhood: Sex and Families Across the Color Line in Virginia, 1787-1861*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.
- SORENSEN, LENI. *Absconded: Fugitive Slaves in the Daybook of the Richmond Police Guard, 1834-1844*. Ph.D. diss, College of William and Mary in Virginia, 2005.
- STECKEL, RICHARD. *Census Manuscript Schedules. Matched with Property Tax List. A Source of Information on Long-term Trends in Wealth Inequality*. *Historical Methods* 27, no. 2 (1994): 71–85.
- TAKAGI, MIDORI. *Slavery in Richmond, Virginia, 1782-1865*. Ph.D. diss, Columbia University, 1994.
- University of Virginia, Geospatial and Statistical Data Center. "Historical Census Browser." [Http://fisher.lib.virginia.edu/collections/ stats/histcensus/index.html](http://fisher.lib.virginia.edu/collections/stats/histcensus/index.html). *Historical Census Browser*, 2004. <http://mapserver.lib.virginia.edu/>. Acesso em: 02/03/2013
- VALENCIA, CARLOS E. *A Economia Dos Negros Livres No Rio De Janeiro e Richmond, 1840-1860*. Tese Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2012.
- Virginia Historical Society, Manuscripts. "[Ge]ographical Sketch of the City of Richmond, Virginia, with Surrounding Encampments, 1862." Vhs3.vahistorical.org, 1862. Vhs3.vahistorical.org.